

Boletim do Museu Nacional  
Ano 11, nº 6, nov. 1926

J. A. PADBERG-DRENKPOL

## Situação historico-cultural dos Karayás

Encravados no vasto territorio da "cultura oriental" brasileira dos Gês, apresentam-se os Karayás, lá nas margens do médio Araguaya, á primeira vista como peregrinos na sua patria actual, vindos outr'ora de outras paragens. MARTIUS (1) os reputou "restos dispersos duma tribu da Guyana, a não ser que proviessem de oeste". Para EHRENREICH (2) os Karayás eram "uma nação *sui generis*, não aparentada com nenhuma outra, nem com os Caráibas em particular, subtrahindo-se até hoje a qualquer classificação e achando-se, pela singularidade da lingua, dos costumes e do hábito corporal, isolada em meio das grandes tribus gês circumvizinhas e bem caracterizadas". Assim "a sua situação ethnographica é ainda enigmatica de todo", posto que "muitas propriedades, especialmente tradições e o estylo de seus artefactos, denotam uma imigração de regiões mais septentrionaes".

Nem a lingua dos Karayás, classificada até hoje como "isolada", parecia alumiar a obscuridade do problema. Emquanto MARTIUS a achou "essencialmente differente da dos Gês", opina EHRENREICH que "as semelhanças com idiomas gês, especialmente com o suyá, que a lingua dos Karayás revela nas designações das partes do corpo, ainda não bastam para provar um parentesco mais estreito com os Gês".

Neste estado intrincado da questão, vem o ethnologo alemão Fritz KRAUSE trazer as luzes das suas observações e pesquisas. Verdade é que na sua expedição ao Araguaya em 1908, da qual resultou o melhor livro sobre os Karayás (3), elle, de proposito, pôs de lado aquelle problema, visto poder este ser estudado só em comparação com outros povos sul-americanos. As bases para tal trabalho historico-cultural foram fornecidas mais tarde pela obra funda-

(1) — MARTIUS, Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas, zumal Brasiliens. I (Leipzig 1867) p. 298.

(2) — EHRENREICH, Beiträge zur Völkercunde Brasiliens (Berlin 1891) p. 3 e 73.

(3) — Fritz KRAUSE, In den Wildnissen Brasiliens (Leipzig 1911).

mental de W. SCHMIDT sobre "Circulos e estratos culturaes na America do Sul" (4) e pelos magistraes "Estudos ethnographicos comparativos" de Erland NORDENSKIÖLD (5). Apoiando-se principalmente nos mappas ahi publicados, indicadores da distribuição geographica de elementos culturaes na America meridional, emprehendeu KRAUSE "esclarecer a situação historico-cultural dos Karayás" ou "Karadxá" (x com arcozinho sotoposto), como elle escreve agora phoneticamente (6). Apresentou os seus resultados em 1924 no XXIº Congresso Internacional dos Americanistas em Göteborg (Suecia), publicando-se a sua conferencia "Beiträge zur Ethnographie des Araguaya-Xingu-Gebietes" (Contribuições para a ethnographia da região do Araguaya e do Xingú) com desenvolvimentos no "Compte-rendu de la XXI<sup>e</sup> Session, Deuxième partie", p. 67-79. Eis o trabalho que nos ha de ocupar aqui especialmente.

O problema é pois "a collocação dos Karayás na estratificação cultural da America do Sul" (p. 67) ou pelo menos "o ensaio de esclarecer a situação historico-cultural dos Karayás segundo os quadros de distribuição, publicados por W. Schmidt e E. Nordenskiöld" (p. 68). O autor lamenta não ter podido conhecer nem aproveitar as recentes explorações do Brasil central que talvez já dêem mais luz a muitos pontos. Em particular, tendo ouvido da "Rondonia" de ROQUETTE-PINTO só por este mesmo em Göteborg, estudou-a em seguida, achando os factos e conceitos alli expostos em bôa harmonia com os seus resultados.

Como preliminar, esboça-se o lado anthropologico e linguistico da questão. *Anthropologicamente*, Krause distingue dois typos de Karayás: 1) um de cabello liso, calotta elevada e rosto oblongo-oval; 2) outro de cabello ondeado a anelado, calotta chata e rosto largo, adelgado inferiormente em ponta. Mui raramente acha-se ainda um typo pygmaico com dolichocrânio estreito, calotta baixa, prognathismo, nariz alto e adunco. Desses typos segue-se ao menos que os Karayás não são homogeneos, mas provavelmente compostos de elementos differentes, cuja relação anthropologica por ora ainda se não póde determinar.

*Linguisticamente*, considerem-se embora os Karayás ainda como de lingua isolada, o autor confirma com toda a certeza a existencia de analogias do idioma karayá com linguas gês, posto que de

(4) — W. SCHMIDT, Kulturkreise und Kulturschichten in Südamerika. (Zeitschrift für Ethnologie, Berlin, XLV 1913, p. 1014-1130).

(5) — Erland NORDENSKIÖLD, Comparative ethnographical studies I-V, 1919-1924.

(6) — Na transcripção antiga "Karajá", o j devia ter o som de j alemão, correspondendo a "Karayá"; mais correctamente, porém, teria elle a pronúncia preguttural de ch alemão em *ich*, som representado no "Alphabete de Anthropos" (publicado na revista "Anthropos" por W. SCHMIDT em 1907 e cada vez mais acceto na linguistica internacional) por x com arcozinho sotoposto. Assim a transcripção exacta, segundo KRAUSE, seria karaxá, karadxá ou k'adxá (x cada vez com um pequeno arco por baixo).

interpretação duvidosa. Poder-se-ia supor que, juntamente com elementos culturais dos Gês, passaram aos Karayás também os nomes desses objectos, p. ex. a clava roliça de puro typo gê, chamada em kayapó (gê) *ko* e em karayá *go-haté*. Parece realmente que certa parte dos elementos culturais dos Karayás é commum com os Gês, tendo também denominações affins; mas essas dependencias são relativamente fracas.

Outras connexões linguísticas parecem existir com os Gês, os occidentaes pelo menos, sem permittirem todavia a conclusão certa de que os Karayás pertençam aos Gês, visto essas analogias linguísticas poderem ter-se originado também por acculturação. Aqui, porém, o autor lembra bem a proposito que ROQUETTE-PINTO na sua "Rondonia" (p. 180 e 206), depois de Alex. F. CHAMBERLAIN ter reunido os Suyás com os Karayás no seu "grupo Karayano", julgou poder incluir neste também os Nambikuaras, por causa de aproximações linguísticas, sendo v. g. semelhantes entre o karayá e o nambikuara as designações de *bocca*, *dente* e *arvore*. Krause, corroborando isto, achou ainda semelhantes os termos para *orelha*, *filho*, *arco*, *cuia*, *comer*, *sim* e talvez *estrella*, *homem*, *algodão*, *espirrar*, relacionando-se *dente* também com o kayapó e *arco* com o kayapó e suyá. Certa ligação linguística entre Nambikuaras e Karayás, segundo isso, parece provavel.

Para esta questão do agrupamento dos Karayás entre os Gês, seria de summo valor saber se os Gês talvez se estendam além do Xingú para oeste, fazendo parte da quasi incognita população primitiva da Amazonia meridional. Com isto está conforme ROQUETTE-PINTO que considera os seus Nambikuaras como habitantes muito antigos daquela região, os quaes teriam possuido primitivamente uma cultura gê, apresentando com os Gês também relações linguísticas (Rondonia, p. 205 s.). Em todo caso, porém, principalmente pela grande incerteza sobre a população pre-tupi da Amazonia meridional, a anthropologia e linguística só podem dar certos indicios a respeito do problema proposto.

O que mais adeanta, é a propria investigação cultural, com a qual entramos no amago do assumpto. Para maior clareza, enumeremos primeiro todas as culturas que vêm aqui á comparação. São as seguintes:

1) a "*cultura oriental*", i. é a cultura relativamente homogenea do planalto brasileiro oriental (essencialmente a dos Gês), extendendo-se no oeste até aos Kayapós e Suyás;

2) a *cultura meridional* ou *do Chaco*, aparentada com a precedente;

3) a "*cultura occidental*" ou do planalto andino, desde os Diaguitas no sul até á Colombia no norte, essencialmente pois a cultura do extenso imperio dos Incas.

No norte, isto é ao norte do Amazonas, distinguem-se:

4) a "*cultura occidental do norte*" ou o complexo cultural commum ao occidente andino e ao norte da America do Sul;

5) a "*cultura do norte*", simplesmente dita; quer dizer a cultura de toda a região septentrional, desde a Colombia, os Jivaros, o noroeste do Brasil, a Venezuela e Guyana até á foz do Amazonas;

6) a "*cultura oriental do norte*", espalhada no norte, mas só a leste dos Andes, fóra e independente da cultura andina.

Siga a nossa exposição esses mesmos numeros.

1) e 2) Quanto ás duas primeiras culturas, a *oriental* e a *do Chaco*, consideradas juntas ou no que têm de commum, diz o autor (p. 70 s.): Os Karayás não participam dos bens culturaes *exclusivamente* proprios da cultura oriental ou *exclusivamente* communs entre a cultura oriental e a do Chaco; logo, não são intimamente aggregados nem pertencem a essa cultura commum.

Ha, porém, relações estreitas com a propria *cultura do Chaco*. Acham-se, p. ex., entre os Karayás elementos culturaes communs com a cultura oriental, com a do Chaco e mais com os Bororos e Sirionos, isto é, com a margem septentrional do Chaco. São desses elementos:

*a clava roliça,*

*a pulseira protectora (Handgelenkschutz).*

3) Mais estreitas mostram-se as relações dos Karayás com o Chaco, considerando-se as irradiações da "*cultura occidental*" do planalto andino. E. Nordenskiöld demonstrou dois caminhos dessa irradiação, um mais ao norte pelo nordeste da Bolivia e pelas vertentes amazonico-platinas para os Bororos etc. (asism, p. ex., o fuso bororo), outro principal ao sul pelas cabeceiras do Pilcomayo directamente para o Chaco. Com effeito, muitos elementos da cultura occidental acham-se fóra dos Andes sómente ainda no Chaco, como v. g. a maça de cabeça grossa, a coiraça, o pau de entrelaçar, bolsos e saccos reservatorios, flauta tocada terminalmente etc. Ora, o que é notavel, ha desses elementos que, fóra da cultura occidental e do Chaco, se encontram de mais unicamente entre os Karayás, a saber:

*coifas reticulares,*

*guarnições de fitas com borlas,*

*capa usada como vestidura.*

Isto indica que a influencia da cultura occidental sobre o Chaco alcançou ainda os Karayás, os quaes, por conseguinte, primitivamente talvez morassem *mais perto do Chaco, provavelmente na fronteira septentrional delle*, em contacto com os Bororos.

Que os Karayás são oriundos do *norte* do Chaco, parece ser comprovado pelo facto de participarem elles igualmente nos elementos da cultura occidental pouco numerosos que passaram para leste não

só pelo Chaco, mas também no caminho septentrional pelo nordeste da Bolívia e pelas vertentes amazônico-platinas, como v. g.:

*o reparo de cabaças rôtas por meio de costuras,*

e naquelles que são exclusivamente communs á cultura occidental e ao nordeste da Bolívia, como:

*os mosaicos de pennas* (nas mascaras de dança dos Karayás).

A ligação estreita dos Karayás á região das vertentes centraes é recommendada ainda pelos elementos culturaes limitados a essa região das vertentes, ás cabeceiras do Xingú e aos Karayás, como são por ex.:

*a esteira de varinhas,*

*grandes diademas rotiformes de pennas,* e em parte também *a liga prepticial,* de occorrença aliás isolada.

4) Multiplices são as relações dos Karayás com a “cultura occidental do norte”, cuja influencia parece tel-os attingido assim na antiga patria ao norte do Chaco como na nova sobre o Araguaya.

a) O influxo recebido ainda ao norte do Chaco revela-se entre os Karayás por elementos da cultura occidental do norte que se acham ao mesmo tempo também no Chaco. Desses elementos alguns se extendem em parte também aos Bororos (eis outra vez a conexão dos Karayás com estes!) e aos Gês centraes, como são:

*maracá,*

*pingentes de chocalhos,*

*cruz de fios* (*Fadenkreuz, threadcross*),

*grandes cavilhas auriculares,*

*chefia e escravidão,*

*technica de rolos espiraes* (a leste na ceramica, a oeste nos trançados),

*pyrogravura em cabaças,*

*trombetas tocadas terminalmente.*

Outros daquelles elementos, em vez disso, estão extendidos ao nordeste da Bolívia e ás vertentes centraes, isto é, também ao caminho mais septentrional, v. g.:

*mascaras de dança,*

*fuso do typo bakairi,*

*tatuagem,*

*canôa dum só toro de madeira (igara),*

*cultivo da mandioca doce.*

Segue-se de tudo isso que os Karayás foram influenciados outr’ora juntamente com os povos do Chaco, vivendo pois com estes ainda em estreitas relações.

Foram provavelmente os Guaranis que trouxeram essa “cultura occidental do norte” ao Chaco e aos Karayás. Pois todos os citados elementos culturaes encontram-se, além das regiões mencionadas, ainda num terceiro grupo ethnico a sueste, no dos Guaranis

que os transmittiram secundariamente para leste e norte aos Tupis orientaes e Gês vizinhos. Que houve relações *directas* entre esses Guaranis do sueste e o territorio septentrional da "cultura occidental do norte", ahi estão a proval-o elementos culturaes exclusivamente proprios aos Guaranis e ao norte, não communicados ao Chaco e aos Karayás, podendo por isso mesmo ter vindo para sueste só com os proprios Guaranis. (São, p. ex., o tropheo craniano, a sepultura directa em urnas, a zarabatana, a cabana de cobertura conica = *Ke-geldachhütte*). Dahi podemos inferir talvez que os Guaranis originariamente formam parte daquella cultura occidental do norte, domiciliados outr'ora no noroeste, porventura na região ainda hoje occupada pelos Tupis occidentaes (Omaguas, Cocamas). Dalli teriam sahido em grande migração para o sul (7), encontrando e influenciando primeiro o velho grupo cultural chaco-karayá. Continuando a sua marcha do nordeste da Bolivia pelas vertentes centraes para sueste, teriam *repellido os Karayás para léste*, para as bandas do alto Xingú e além, separando-os deste modo definitivamente do Chaco. Assim se explicaria tambem que certos elementos da cultura occidental do norte (v. g. pente de varinhas com ligadura *simples*, nó de arrizar = *reefknót*, perolas formadas de discozinhos de nácar, potes portateis com azas furadas para a corda de carregar, pinturas nos vasos de barro), espalhados no Chaco e entre os Guaranis, não passaram comtudo aos Karayás que então deviam estar já fóra do alcance.

b) Na sua nova patria sobre o Araguaya, porém, os Karayás entraram em novo contacto, desta vez mais directo, com a mesma cultura occidental do norte, irradiando-se ella do norte pelo médio Amazonas para o sul e sueste até ao Xingú e Araguaya. Dão testemunho disto os elementos dessa cultura que, fóra do seu dominio ordinario, apparecem tambem nas margens ou pelo menos nas cabeceiras do Xingú e entre os Karayás (como:

*o pente de varinhas com ligadura **dupla**, typo mais novo do que o de ligadura *simples* que foi propagado pelos Guaranis),*

ou que além disso são encontrados tambem a oeste e sudoeste até á região das vertentes centraes, mas nunca no Chaco nem entre os Guaranis; neste caso estão:

*a flauta de Pan e*

*a roupa de liber com pinturas.*

Outros elementos da cultura occidental do norte, enfim, podem ter chegado aos Karayás secundariamente por via dos Guaranis-Tupis orientaes etc., como é certo, p. ex., que

*a pesca a veneno*

(7) — Corresponde isto mais ou menos tambem á opinião de W. Schmidt.

lhes veio dos Tapirapés (Tupis immigrados de leste no século 17), provavelmente também

*o moquem com tres ou quatro estacas verticaes.*

E' incerto se por esse caminho os Karayás receberam igualmente

*o propulsor* ("estolica", throwing-stick, Speerschleuder, Wurfbrett), de forma idêntica como no alto Xingú (Suyás, Trumais, Kamayurás, Auetös), sendo semelhantes os dos Mojos e da região do Purús, da Amazonia ocidental (Cocamas, Campevas etc.) e do valle do Cauca na Colombia. Deste typo que parece ser da cultura ocidental do norte, deve-se distinguir o propulsor (com rego e contraforte) dos antigos Tapuyas da média costa oriental brasileira (Pernambuco etc.) e o propulsor a dois ganchos da cultura ocidental precolumbina, representada desde a Colombia até ao Perú.

5) Também a "cultura do norte" simplesmente dita influenciou os Karayás juntamente com as tribus do alto Xingú, patenteando mais uma vez a relação íntima dos novos habitantes do Araguaya com o Xingú e por este com o norte. Acham-se com efeito elementos dessa cultura mesmo ao sul do Amazonas, justamente nas cabeceiras do Xingú e entre os Karayás, em parte também entre os Bororos, como são p. ex.:

*a successão materna (matriarchado),  
escabellos (mochos), ás vezes zoomorphos, com dois sarra-  
fos longitudinaes;  
o cultivo do algodão.*

Como este ultimo, segundo Nordenskiöld, foi espalhado no norte principalmente pelos *Caraíbas*, seriam estes talvez os mediadores na transferencia daquela cultura do norte para o sul, tendo transmitido aos Karayás p. ex. também

*os enfeites de algodão em braços e pernas.*

Quadra com esta hypothese o que RIVET diz sobre os *Caraíbas* no norte da America meridional e sua disseminação em tempos remotos até á Colombia e ao Equador. Verdade é que no sul o algodão é cultivado também pelos Guaranis e seus parentes que talvez o recebessem do norte.

*A sepultura secundaria em urnas*

que parece igualmente um elemento da cultura do norte, achando-se também entre os Pre-aruaqs do territorio de Mojos e na costa sul-oriental (entre Tupis?), veio aos Karayás ou directamente do norte ou indirectamente no século 18 da mão medianeira dos Tupis orientaes e Tapirapés.

Em todo caso, para explicar o exposto, somos levados a supôr que os Karayás deviam morar não longe do alto Xingú, em comunicação com o norte, mas já sem trato com o sul e sudoeste, depois

de interceptadas as antigas relações com o Chaco provavelmente pela migração dos Guaranis.

6) A ultima grande cultura sulamericana é a “cultura oriental do norte”, caracterizada por propriedades como estas: *palafitta* (habitação sobre estacas), cabana de cobertura conica (*Kegeldachhiütte*), emplumação radial com costura mediana, remo de pá redonda ou alargada inferiormente, arco convexo, ingestão da cinza dos defunctos, perfuração do septo nasal.

Esta cultura está representada tambem ao sul do Amazonas, nas regiões marcadas pelos seguintes nomes: Karayás e (pelo menos em parte) Kayapós septentrionaes, cabeceiras do Xingú, vertentes centraes, nordeste da Bolivia (em parte), Guaranis (e Tupis orientaes), accrescendo para certo numero dos elementos culturaes o Chaco. Temos pois aqui dois grupos de elementos, conforme incluem ou excluem o Chaco. Incluem o Chaco os seguintes :

*rallo de mandioca,*  
*faixa para trazer crianças ao collo etc. (falta aos Karayás),*  
*almofariz de madeira,*  
*cabaça em rede,*  
*jogo de figuras de cordel (Fadenabhebspiel),*  
*bola de palha de milho;*  
*mandioca amarga (segundo Nordenskiöld, como provavelmente tambem:)*  
*maça chata e engrossada (tacape) e seus ornamentos trançados.*

Excluem o Chaco os elementos que seguem:

*flecha de ponta engrossada para caçar aves,*  
*cesta com tampa de bordas salientes,*  
*lança de ponta postiça,*  
*vasos de barro chatos com fundo chato (segundo Nordenskiöld),*  
*cesto de carga do typo guarayo (segundo Nordenskiöld).*

Esta cultura talvez viesse ao sul com os Guaranis, ou talvez não fosse outra que a *cultura aruak*, diffundida pela migração dos Aruaks, cujo caminho de oeste para leste fica marcado pelas tribus aruaks dos Mojos, Baurés, Paressis, Kabixis, Mehinakús etc. Teriam elles influenciado assim do lado meridional o Chaco e os Guaranis, do lado oriental o alto Xingú, para onde talvez repellissem os Bakairis e Nahuquás.

Ao Araguaya haveria chegado essa cultura ou directamente do Xingú ou indirecta e secundariamente de Tupis, quer dos Tapirapés no seculo 18 depois de passar pelos Guaranis e Tupis orientaes, quer dos Tupis centraes (Yurunas) que a teriam recebido dos Guarayos



no século 16. É impossível por enquanto delinear as vias exactas dessa expansão cultural.

A incerteza e obscuridade que aqui reina, resulta da última perturbação das condições culturais da Amazonia meridional pelas *migrações históricas dos Tupis*. Demonstrou Nordenskiöld uma grande "invasão guaranítica" no século 16, como se separaram então dos Guaranis no sueste já os Chiriguanos, dirigindo-se para noroeste até perto dos Andes bolivianos, já os Guarayos-Pausernas, emigrando mais ou menos ao mesmo tempo para a região das vertentes e extendendo o seu influxo cultural ainda mais para o norte, talvez até aos Tupis centraes. No século 17 desmembraram-se dos Tupis orientaes os *Tapirapés*, seguindo rumo oeste até fixarem-se entre o Araguaya e o alto Xingú. Assim separaram elles os Karayás das cabeceiras do Xingú, influenciando-os em seguida por seu turno. Já vimos que a pesca a veneno passou com certeza dos Tapirapés aos Karayás, podendo dizer-se o mesmo provavelmente de varios outros elementos das tres culturas septentrionaes. No século 18, enfim, vieram complicar mais a questão os *Canoeiros*, penetrando por entre o alto Tocantins e Araguaya, segundo a recente descoberta de RIVET descendentes dos antigos Karijós do sul de São Paulo.

"Essa expansão secundaria dos Guaranis-Tupis nos ultimos 200 annos desempenha talvez o papel mais importante na historia cultural recente da Amazonia meridional" (p. 77). Por isso mesmo e pouco que della sabemos, principalmente tambem o desconhecimento da estratificação cultural dos Tupis centraes e da ethnographia primitiva entre o Araguaya e o Tapajoz antes da invasão delles, a nossa ignorancia da extensão originaria dos Gês para oeste e dos Caraíbas para o sul, tudo isso redundando forçosamente em incerteza de todas as theses e theorias respectivas. Só uma exacta exploração ethnographica dos vastos tractos ainda incognitos entre o Tocantins e o Tapajoz póde fundar conclusões seguras tambem para os Karayás.

\*  
\*   \*  
\*

Parecem, comtudo, estabelecidos com probabilidade os seguintes resultados:

1) Os Karayás tinham antigamente a sua séde mais a sudoeste, em contacto com a cultura do Chaco, sujeitos juntamente com a população deste á influencia da "cultura occidental" do planalto andino;

2) mais tarde receberam alli dos Guaranis elementos da "cultura occidental do norte";

3) em seguida foram repellidos pelos Guaranis para leste;

4) na sua nova patria sobre o Araguãya entraram, juntamente com os povos do alto Xingú, em relações directas com as culturas do norte, por meio da população pre-tupi do sul da Amazonia central.

A' vista do valor relativo destes resultados, recommenda o autor enfim outro methodo em si mais proficiente de investigação, a saber o de indagar minuciosamente a estructura intrinseca, o conteudo essencial da cultura de cada tribu, para ajuizarmos da importancia ou eficiencia dos differentes influxos culturaes para a vida cultural, das transformações effectuadas tambem na vida intellectual do povo em questão. Conhecida assim a sua susceptibilidade ou influenciabilidade, ou como que a reacção com que esse povo responde a um determinado influxo, avaliaremos melhor o alcance de todas as influencias e relações culturaes a que elle estava exposto.

Apesar de ser ainda inapplicavel esse methodo aos Karayás, visto conhecermos imperfeitamente a cultura social e religiosa delles, já se póde dizer comtudo que são, ou eram pelo menos, um povo de espirito activo e autonomo, adoptando coisas extranjeiras não só quanto ao exterior, mas assimilando-as interiormente. Collige-se isso, p. ex., dos nomes com que designam objectos da Europa, sendo os Karayás dos poucos povos que inventaram termos proprios (uns 30) quasi para todas as coisas europeas ou importadas por europeus. Até onde podemos vêr, impuseram-lhes ora os nomes de coisas indigenas semelhantes ou destinadas a fins analogos, ora a denominação dum ente indigena comparavel, modificada por algum suffixo etc. Só para espingarda usam a palavra da lingua geral (mahauá ou makauwá, em vez de *mukawa*) e para cavallo, buror e chapéo as designações portuguesas. Vê-se pois que em geral os Karayás procuraram accommodar as coisas extranjeiras ao conhecido e costumeado ou ao seu modo de pensar. Suppondo que isso se verificou mais ou menos tambem em outras influencias culturaes experimentadas no passado, julga o autor poder deduzir um principio ou criterio importante, de valor tambem anthropologico: "Se na cultura karayá se achar maior numero de coisas extranjeiras, muito semelhantes ás de outros territorios sul-americanos, por conseguinte não transformadas essencialmente nem accommodadas á cultura karayá preexistente, será licito admittir que esses elementõs culturaes não foram transferidos tão sómente, mas entraram nos Karayás pela incorporação de seus portadores, isto é, por um cruzamento ethnico" (p. 78 s.).

Applicando este criterio, Krause exclue a idéa de cruzamento nas relações dos Karayás com a "cultura occidental" andina por via do Chaco (acima n. 3), visto tratar-se alli sobretudo da transferencia meramente extrinseca de enfeites. São outrosim de natureza meramente extrinseca os influxos recebidos, na nova patria sobre o Araguaya, da "cultura occidental do norte" (acima n. 4 b) e tam-

bem, ao que parece, da "cultura do norte" (n. 5). Poderia dizer-se o mesmo dos elementos da "cultura ocidental do norte" transmitidos pelos Guaranis (n. 4 a), mas a grande quantidade desses elementos e sua especial conformação entre os Karayás denotam antes a incorporação de parcelas étnicas extranjeiras, de modo que os Karayás na sua antiga pátria perto do Chaco talvez tenham recebido uma mistura de sangue guarani. Os elementos da "cultura oriental do norte", enfim (n. 6), adoptados pelos Karayás, são tão numerosos, tão pouco transformados, relativos a pontos tão vitais (como é a preparação da mandioca) que a sua introdução parece dever explicar-se por cruzamento — talvez com Aruaks, segundo vimos acima, ainda que aqui nada sabemos de certo.

"Assim parece ficar em *resultado final* que os Karayás, domiciliados como povo primitivo mais a sudoeste, experimentaram allí uma certa mescla de cultura e talvez também de sangue com os Guaranis, e provavelmente outra tal mistura, na região do Araguaya, com os portadores da cultura oriental do norte. Compõem-se, pois, na sua génese e cultura, essencialmente de tres grandes elementos, fundidos numa unidade firme, num povo unido" (p. 79).

\*

\*   \*

Ao profundo estudo de Fritz Krause, aqui fielmente esboçado, não pretendemos ajuntar muito. Basta dizer em seu louvor que assenta nos alicerces mais solidos de que, graças principalmente a W. Schmidt e E. Nordenskiöld, dispomos hoje na ethnologia sul-americana. Além disso, os resultados harmonizam bem com as recentes descobertas ethnographicas brasileiras da estrenua Comissão Rondon, sobretudo com as que publicou Roquette-Pinto. Não quer isto dizer que falte margem á critica. Mas se quiséssemos entrar nella, lá estaria o proprio autor que já de antemão confessou os fracos, na maior parte inevitaveis, do seu trabalho, attenuando-lhe ás vezes até demais o valor.

Comtudo, como não póde deixar de ser em pesquisas como estas, restam-nos bastantes duvidas, também a respeito dos resultados intitulados de provaveis. Os proprios principios fundamentaes, nomeadamente também o novo criterio anthropologico (acima p. 80), não estão além dum scepticismo difficilmente reprimivel. Parece-nos igualmente que o agrupamento das chamadas "culturas", pelo menos das tres septentrionaes, não se justifica na fórmula proposta, já que se trata visivelmente de misturas culturaes, cujos componentes puros urge desenredar. Julgamos que a escola ethnologica do methodo historico-cultural pôs bem em fóco a questão, e que ella vae em

bom caminho, parece comproval-o o proprio Krause que tacitamente se aproximou bastante desse methodo antes tão combatido.

Mas emfim, o que difficulta ou quasi impossibilita resultados seguros em investigações historico-culturaes nesta America do Sul, é ainda a falta de dados ethnographicos sufficientes, scientificamente fixados, trabalho apenas iniciado por Schmidt e Nordenskiöld. Depois de ser elle mais completado para toda a America meridional, vê-se-ha quanto Krause acertou com a verdade. Até então o seu trabalho está ahi como padrão, servindo de modelo ainda por muito tempo. E acreditamos que ao benemerito autor já hoje sobejam justos motivos de contentamento, além daquelle indefectivel do poeta: *In magnis et voluisse sat est.*